

## DEFESA SANITÁRIA

No último dia 10 de setembro, o Ministério da Agricultura publicou a portaria 394, que mudou o calendário do plantio de soja no Brasil, trazendo preocupação para boa parte dos produtores dessa importante leguminosa que é o principal item da nossa pauta de exportações.

Qual a razão para preocupar-se? Em primeiro lugar, deve ser ressaltado que os sojicultores brasileiros são muito tecnificados e altamente qualificados em gestão e em sustentabilidade, e por isso mesmo super competitivos globalmente.

A soja, como diversos outros cultivares, é permanentemente atacada por doenças e pragas que causam graves prejuízos à lavoura e aos plantadores. A principal doença é conhecida como Ferrugem Asiática, transmitida pelo fungo *Phakospora pachyrhizi*, que foi encontrado em nosso país pela primeira vez em 2001. E já na safra seguinte, de acordo com a Aprosoja/MT, deu um prejuízo de 2 bilhões de dólares. Em casos extremos, a Ferrugem Asiática pode levar a perda de 100% da plantação.

Este agente patogênico - o fungo, tem uma alta capacidade de mutação e uma grande velocidade de reprodução, exigindo dos produtores rurais um manejo super atento e tempestivo para evitar o pior.

Entre as práticas principais desse manejo, está o vazio sanitário. Trata-se de um período durante o qual não pode haver nas áreas agricultadas plantas hospedeiras de determinado patógeno. Porque se houver permanência das plantas o tempo todo, o fungo fica se reproduzindo incessantemente e vai criando resistência aos defensivos aplicados.

Para o caso da soja, o vazio sanitário preconizado prevê a eliminação e a proibição do cultivo de 1 de julho a 15 de setembro. Nestes 77 dias os produtores não poderão manter plantas vivas de soja em suas propriedades e as plantas remanescentes da safra anterior devem ser erradicadas. Com isso fica interrompido o ciclo de multiplicação do fungo, mitigando-se a incubação da doença para safra seguinte. E depois dessa medida, outras serão implementadas com o uso de inimigos naturais, pulverizações, de preferência evitando-se o excesso de defensivos químicos.

Pois bem, a portaria 394 mudou este vazio sanitário para a soja no Mato Grosso, permitindo seu plantio durante o tempo referido.

O que isso pode representar?

Ora, hoje o Brasil é o maior produtor mundial de soja, que é a mais importante commodity de nossa pauta de exportações. No ano passado, o agro brasileiro exportou 100,8 bilhões de dólares, e só o complexo soja nos trouxe 35,2 bilhões de dólares, um terço do total exportado pelo setor. Obviamente não se pode colocar tal atividade em risco, sendo recomendável a revogação da portaria 394 para melhor avaliação dos seus resultados sob o maior rigor técnico.

O Brasil goza de prestígio internacional devido à seu sofisticado instrumental de defesa sanitária. O recente caso de duas reses acometidas por uma atípica doença da “vaca louca” é a melhor prova disso. Rapidamente identificadas as ocorrências, o MAPA imediatamente enviou amostra de material para exame em um laboratório canadense autorizado e notificou a China da suspensão de exportações de carne bovina para aquele país, cumprindo assim

compromisso contratual. Com a comprovação pelos canadenses de que eram realmente casos atípicos, isto é, devidos a velhice dos 2 animais, ficou patente a competência e agilidade de nossos fiscais agropecuários. Mesmo assim houve queda de preço da carne: exportamos 30% do que produzimos, e a China compra metade disso. Com a proibição, frigoríficos que exportam para lá reduziram o abate, o que explica a queda.

Devemos manter o bom nome da nossa Defesa Sanitária.

**\* Roberto Rodrigues - Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos toda 3ª segunda-feira do mês**